



Vamos cortar esse cabelão?

■ GUSTAVO HELDT

Dezenas de praticantes de jornalismo saem do ônibus com câmeras e blocos em mãos, à procura da pauta iluminada. Nativos da Vila Brás observam assustados a volúpia dos forasteiros.

Os primeiros vislumbres da caminhada captam a presença de diversas igrejas, como a Pentecostal, a Pronto

Socorro de Jesus, a Assembleia de Deus Unida e - oba, porta aberta - a Deus é Amor. Antes de entrar, o repórter avista uma colega perseguindo um idoso na rua. “É uma caça”, pensa.

O menino Cândido recebe a reportagem. O ambiente é simples, com cores claras e vasta ocupação para um pedreiro. O garoto, que estuda na Escola João Goulart, na 8ª série, responde em

poucas palavras. Usa chinelos de dedos e rói as unhas. Frequenta a igreja por ser “um lugar calmo, onde se busca Deus”.

Na saída do sacro recanto, o repórter fecha os olhos devido ao reflexo dos raios solares e, subitamente, ouve um chamado. Do outro lado da rua, no Silva Cabeleireiro, Valdecir pergunta: “És do Enfoque Vila Brás?” Munido de costumeira confusão mental e

histórico de ausência nas aulas, o repórter diz que não sabe o que é o Enfoque Vila Brás.

A filosofia da casa se encontra em uma plaquinha, na frente do espelho: “Peça fiado e ganhe um ‘não’ grátis”. Valdecir sugere: “Vamos cortar esse cabelão?”. O repórter recusa, mas Carlos, o cliente, já está posicionado e ansioso por perder alguns fios. Enquanto espera, conta histórias

que não poderiam ser proferidas na igreja ali à frente. Valdecir arregala os olhos e os lança até o bloco de notas: “Tua letra não é fácil, hein? É pro cara não entender mesmo”.

Um segundo cliente, Válter, aproxima-se vagarosamente, trazendo uma bicicleta azul e um pé machucado. Com a vantagem numérica, Valdecir propõe que segurem o repórter, para a salvação do seu cabelo.

Do outro lado da rua, na igreja Deus é Amor, as mulheres não podem cortar o cabelo nem usar saia. Os fiéis contribuem com 10% de seus ganhos, mensalmente. “É a lei de Deus”, afirma Valdecir.

Sentando na cadeira, pronto para a conversão capilar, Válter louva o talento do amigo. Até se consultar com Valdecir, “todo mundo cortava errado”. Há quatro anos, ele encontrou a luz.

Os forasteiros da Brás

■ DANIELA C. MACHADO

Sol a pino. O frenético ritmo do trânsito na Rua Leopoldo Wasun lembra as ruas de uma grande cidade. Diversas pessoas vendendo, anunciando ou fazendo entregas mostram o quanto o comércio é forte por ali. O calor anima as crianças a jogar bola no pátio, correr e sorrir junto dos amigos. Cachorros dormindo, brincando ou olhando o movimento agitam ainda mais a bela manhã. Este é o retrato que a Brás me passou assim que ali cheguei pela primeira vez.

Já lemos no Jornal Enfoque, ou ouvimos de professores e colegas, diversas histórias de famílias que construíram a sua vida na Vila Brás. Mas também existem pessoas que vêm de outras cidades aproveitar as oportunidades que o bairro oferece. Seu Édio, de 63 anos, morador de Novo Hamburgo, sai cedo de casa todas as manhãs para fazer biscoitos com sua carroça em São Leopoldo.

Este simpático viúvo garante que até tentou ter uma namorada, mas não

quer mais saber de mulher. Desde que sua esposa faleceu de câncer no estômago, ele cria sozinho o filho de 16 anos. Apesar desta triste realidade, não perdeu a vontade de viver. Gosta de acordar às 5 horas da manhã, fazer um chimarrão e sentar na frente de sua casa para escutar os passarinhos anunciarem a chegada de um novo dia.

Seu Édio fatura por mês “o suficiente para viver”. Tem dias que faz vários fretes e em outros, nenhum. E assim ele segue a vida. Fala com orgulho do filho que estuda e trabalha em uma marcenaria para aprender uma profissão e ajudar nas despesas domésticas. O pai, que também é mãe, se diz feliz, por mais que as adversidades se imponham em seu caminho.

A Brás é assim: surpreendente a cada passo que damos em sua avenida principal. Apaixonante por suas histórias. Inspiradora para qualquer estudante de jornalismo que pode, e deve mostrar quantas lições podemos aprender em uma bela manhã de sol em um lugar mal falado por muitos ou esquecido por tantos.

GABRIEL RAMOS



Crianças e bergamotas

■ MATHEUS FARIAS

Quando aquele grupo de alunos saiu da Unisinos, em um sábado de manhã bem cedinho, achamos que, ao chegar à Vila Brás, seríamos vistos com admiração pelos moradores do local. “Olha, eles são jornalistas”, comentariam os mais afoitos. Porém, a admiração foi nossa. Assim, era como se fôssemos reles parisienses admirados com algo realmente novo, ao ver como voava aquele pessoal

em uma das tantas vilas populares brasileiras.

Assim, contivemos o brilho nos olhos e saímos em disparada pelas ruas irregulares atrás de boas histórias. Na primeira esquina, encontramos duas meninas, com seus onze, doze anos, com um carrinho de mão cheio de bergamotas. “Ora, isso dá pauta”, pensamos. Ao nos aproximarmos das pequenas, as enchemos de perguntas. Por que o carrinho de mão? Por que as duas

meninas não estavam brincando? Por que tinham que trabalhar em um momento que deveria ser usado apenas para sua recreação? Por quê? Por quê? Por quê?

A resposta das duas, em uníssono, veio com um singelo e macio olhar de quem ainda não deixou de ser criança e já conhece as agruras da vida. “Ajudamos em casa”, foi o que disseram. Interrogamos e descobrimos mais: elas são primas, vão à escola, possuem

vários irmãos e, apesar do trabalho, são felizes.

Essa felicidade, afirmaram, está intimamente ligada ao carinho. Afinal, elas pertencem a uma família que, embora grande, carece de sentinelas em constante atenção. Até por que, se o destino não calhou de dar-lhes as benesses da fortuna material, ofereceu-lhes algo muito mais intenso, que é a afetividade que acompanha sua (ainda) infantil condição.